

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**ACEITAÇÃO PARENTAL: MÃES HETEROSSEXUAIS COM FILHOS LGTB**

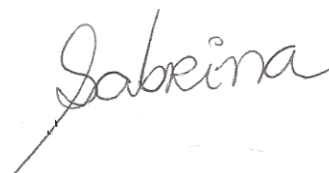
**MOISÉS CARVALHO COSTA**

**São Carlos  
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**ACEITAÇÃO PARENTAL: MÃES HETEROSSEXUAIS COM FILHOS LGTB**

Relatório de monografia elaborado pelo aluno  
Moisés Carvalho Costa, sob a orientação da  
Profa. Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca.

A handwritten signature in black ink that reads "Sabrina". The signature is written in a cursive style with a long, sweeping underline.

**São Carlos  
2021**

## RESUMO

A produção científica sobre a população jovem LGBT têm destacado os aspectos de vulnerabilidade dessa população, especialmente associando-a a fatores de risco para comportamentos sexuais de risco, abuso de substâncias, ou o desenvolvimento de sintomas depressivos e ansiosos, e ideação/tentativas de suicídio. Por outro lado, existem estudos que destacam o papel da família como um importante fator de proteção para esses mesmos comportamentos e fatores, que inclusive pode mediar a associação entre se identificar como LGBT e apresentar comportamentos suicidas. Entretanto, os trabalhos que abordam famílias de pessoas LGBTs são escassos e muitas vezes destacam a violência intrafamiliar. Este estudo teve por objetivo investigar e compreender o processo de aceitação parental de pais heterossexuais que têm filhos que se identificam como pessoas LGBTs. Para isso foram realizadas entrevistas virtuais com cinco mães recrutadas a partir de convite em redes sociais. Os dados coletados foram transcritos e analisados qualitativamente a partir do Atlas.ti. Os resultados apontaram a importância da aceitação das mães no alívio do sofrimento de filhos LGBTs e na relevância de fontes de apoio no processo de aceitação experienciado pelas mães. Recomenda-se que novos estudos sejam realizados abordando a temática de forma a embasar intervenções com famílias de pessoas LGBTs dada a pertinência social do tema.

**Palavras-chave:** Aceitação parental; pessoas LGBT; família; relações familiares; juventude.

## ABSTRACT

The scientific production about the young LGBT population has highlighted aspects of vulnerability in this population, especially associating it with risk factors for risky sexual behavior, substance abuse, or the development of depressive and anxiety symptoms, and suicide ideation/attempts. On the other hand, there are studies that highlight the role of the family as an important protective factor for these same behaviors and factors, which can even mediate the association between identifying themselves as LGBT and exhibiting suicidal behavior. However, researches that addresses families of LGBT people are scarce and often highlight intra-family violence. This study, therefore, aimed to investigate and understand the process of parental acceptance of heterosexual parents who have children who identify themselves as LGBT people. For this, virtual interviews were carried out with mothers recruited through an invitation on social networks. The collected data were transcribed and analyzed using the Atlas.ti software. The results showed the importance of acceptance in alleviating the suffering of LGBT children and the relevance of sources of support in the acceptance process experienced by mothers. It is recommended that further studies be carried out addressing the issue in order to support interventions with families of LGBT people given the social relevance of the topic.

**Key words:** Parental acceptance; LGBT people; family; family relationships; youth.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	5
<b>OBJETIVO</b>	11
<b>MÉTODO</b>	12
<b>Participantes</b>	12
<b>Aspectos éticos</b>	14
<b>Instrumentos</b>	14
<b>Procedimentos</b>	15
Etapa 1. Recrutamento dos participantes	15
Etapa 2. Condução das entrevistas	15
Etapa 3. Análise dos dados	16
<b>RESULTADOS</b>	17
<b>DISCUSSÃO</b>	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	35
<b>REFERÊNCIAS</b>	37

## INTRODUÇÃO

A família exerce um importante papel no desenvolvimento de seus membros, principalmente no período da adolescência (Pratta & Santos, 2007). Ela exerce um papel primordial na educação e socialização de seus membros (Cardoso & Baptista, 2020), contribuindo tanto para o amadurecimento quanto para o desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos. À família são atribuídas funções essenciais para o desenvolvimento do indivíduo tanto biológicas (sobrevivência da espécie), quanto psicológicas e sociais, de tal modo que a família se constitui como uma rede psicossocial fundamental de apoio e suporte emocional dos seus membros (Acuña & Lemos, 2020).

O apoio ou suporte familiar, quando percebido de forma positiva pelos indivíduos, se relacionam a comportamentos associados ao humor positivo, o que contribui para uma sensação de bem-estar (Cardoso & Baptista, 2020) e para a saúde psicossocial de seus membros (Acuña & Lemos, 2020). Ajudar os filhos a se sentirem seguros e desenvolver sua identidade, contribui para a saúde física e mental dos mesmos (Moak & Agrawal, 2010). Logo, ter pais atenciosos e receptivos serve como um fator de proteção a uma série de questões (Ryan, Russell, Huebner, Diaz & Sanchez, 2010).

De acordo com Roe (2016), o apoio e suporte parental parecem ser ainda mais importante para lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e mais (LGBTQIA+), uma vez que o suporte comumente recebido de outras fontes, como, por exemplo, família extensa, pares, vizinhos, professores entre outros, pode não estar disponível. Ademais, a produção científica acerca de jovens que se identificam como LGBTs destacam as vulnerabilidades dessa população e associação entre a identidade LGBT e comportamentos de risco, além de índices mais altos de descritores de saúde mental. Por exemplo Irish *et all* (2019) destacam a prevalência de sintomas

depressivos, comportamentos autolesivos e tentativas de suicídio entre jovens LGBs quando comparados a seus pares heterossexuais. Da mesma forma, revisões de literatura sobre ansiedade e suicídio entre minorias sexuais apontam que a juventude LGB tem risco maior para depressão, abuso de substâncias, ideação suicida, experiências de vitimização, transtorno de ansiedade generalizada e tentativas de suicídio (Poštuvan, Podlogar, Šedivy, & De Leo, 2019; Francisco, Barros, Pacheco, Nardi, & Alves, 2020). Além disso, Eisenberg e Resnick (2006) ressaltam que o risco de pensamentos e tentativas de suicídio associadas à orientação sexual é largamente mediado por fatores de proteção e que a falta desses seria o principal fator correlacionado aos comportamentos suicidas.

Cumprido destacar que até há pouco tempo a homossexualidade era vista como uma patologia, como uma doença, um desvio sexual. De fato, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reviu e excluiu a homossexualidade como doença mental em 17 de maio de 1990, e ratificou a decisão em 1992. Sanchez (2009) argumenta que a ignorância, o silêncio e os tabus a respeito do tema dificultaram a condução de pesquisas a respeito do tema, contribuindo para um número escasso de publicações a esse respeito. Ademais, a visão da homossexualidade como doença associada à falta de conhecimento e educação sobre a temática somada às visões religiosas sobre o tema, fomentam ideias errôneas e equivocadas alicerçadas em um modo de pensar e agir sexofóbico que leva a não aceitação de filhos, netos, amigos, conhecidos etc. que se identifiquem como homo, bi ou transexuais.

Consequentemente, para muitos pais e mães com filhos LGBTs, a revelação de seus filhos é considerada uma má notícia, algumas vezes interpretada como uma experiência traumática, interpretada como um grande problema. Eles sentem-se culpados e tem que lidar com a “morte” do filho(a) idealizado. Tais reações podem estar associadas à educação negativa que eles receberam ao longo do seu desenvolvimento, por terem poucas ou mesmo nenhuma informação adequada a respeito da homossexualidade, bissexualidade e

transgênero, e/ou porque teme que seu filho(a) sofra nas relações sociais (Sanchez, 2009).

A reação dos pais frente à revelação pode acarretar o afastamento do filho(a) do lar, a saída precoce de casa e situações de violência (Sánchez, 2009), o que podem atuar como fatores de risco ao desenvolvimento desse indivíduos. Ademais, como comumente pessoas LGBs possuem pais heterossexuais e pessoas transgenero pais cisgenero, elas podem ter dificuldade em se identificar com os pais, buscando referencias em outras pessoas fora do círculo familiar, desenvolvendo o que Solomon (2013) descreve como identidades horizontais. De acordo com Solomom (2013), as identidades verticais são reforçadas pelos pais e identificadas por eles como identidades. Já as identidades horizontais muitas vezes não são aceitas. Elas são vistas encaradas como uma falha ou doença e os progenitores lutam contra elas tentando homogeneizá-las. Quando as famílias conseguem se conectar e compreender as identidades horizontais dos filhos podem oferecer um suporte muito maior e um caminho para a sustentação de identidades que atualmente são ameaçadas. A aceitação familiar nesses casos permite amenizar as injustiças e preconceitos a que grupos identitários minoritários estão sujeitos (Solomon 2013).

Após a reação inicial à revelação dos filhos(as), quase sempre negativa, se os pais desenvolverem um canal de comunicação e abertura com seus filhos(as) e buscarem fontes de informações adequadas, a vida emocional, social e as relações com toda a família costuma melhorar de maneira substancial (Sanchez, 2009). De acordo com Sanchez (2009), as maiores dificuldades dos pais costuma ser, além do choque inicial e dos sentimentos gerados com a revelação, conseguir uma socialização adequada para os filhos(as) e a garantia de direitos igualitários.

Estudos demonstram que a conexão com os pais e a família e o suporte familiar e parental podem ser importantes fatores protetivos para indicadores de saúde mental,

tentativas de suicídio e uso de substâncias por adolescentes (McConnell, Birkett, & Mustanski, 2015; Reyes, Victorino, Chua, Oquendo, Puti, Reglos, & McCutcheon, 2015; Shepherd, 2019). Fatores esses que são inclusive mediadores apresentados por Eisenberg e Resnick (2006) em seu estudo com a população LGB. Tais dados indicam que a família pode ser um ponto chave para novas pesquisas sobre a saúde mental da população LGBT e um caminho para a superação dos fatores de risco relatados.

A teoria bioecológica do desenvolvimento, proposta por Bronfenbrenner (Bronfenbrenner & Morris, 2007), defende que o desenvolvimento é um processo que ocorre ao longo do ciclo vital, o qual se relaciona a momentos de mudanças e estabilidades envolvendo o próprio indivíduo, seu ambiente e todo um sistema bioecológico. O conceito de desenvolvimento do autor refere-se ao resultado de uma função conjunta entre um processo proximal, as características próprias da pessoa em desenvolvimento, o contexto imediato no qual ela vive e a quantidade e frequência de tempo no qual a pessoa em desenvolvimento tem estado exposta a um processo proximal específico e ao ambiente, o denominado modelo P-P-C-T de desenvolvimento (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo) (Bhering & Sarkis, 2009).

Bronfenbrenner e Evans (2000) destacam que para a pessoa se desenvolver, ela necessita participar ativamente de interações recíprocas com complexidade crescente com pessoas as quais ela desenvolve um apego forte e mútuo, e, com o tempo, se comprometer com o bem-estar e desenvolvimento dos outros. Bronfenbrenner (1986) pontua que os processos que ocorrem em diferentes contextos são interdependentes e afetam-se de forma recíproca. O contexto é classificado em diferentes níveis, a saber: (1) microssistema: são ambientes nos quais ocorrem as interações face a face, permite os que processos primários e proximais de desenvolvimento ocorram, podem promover ou inibir essas interações, alguns exemplos são a família, a escola, a rede de amigos ou o trabalho; (2) Mesossistema: tem um caráter integrativo, parte da relação entre microssistemas, como as relações entre a família e



a escola; (3) Exossistema: ao passo que os Mesossistemas são caracterizados pela interação de microsistemas nos quais o organismo se insere no Exossistema a interação e entre contextos ou Microsistemas distais, no quais o indivíduo não se insere diretamente, mas que afeta os Microsistemas proximais, exemplos seriam o ambiente e condições de trabalho de outros membros da família que influenciam as relações familiares; e (4) os macrossistemas concernem à sistemas estruturais ou institucionais, como crenças, valores, aspectos sociais, econômicos e políticos de uma cultura e que atravessam as interações cotidianas e os outros sistemas. Finalmente o Tempo se associa às mudanças e estabilidades que ocorrem nas outras estruturas e sistemas com o passar do tempo, se relacionando com os atributos pessoais, aos processos proximais e contexto. (Collodel-Benetti, et al, 2013; Coscioni, et al, 2018)

Nessa perspectiva, a família se mostra como um microsistema, um ambiente contextual no qual ocorrem processos proximais e relações face a face de influência direta no desenvolvimento de indivíduos, como, por exemplo, no caso de jovens LGBTs. Assim, dentro desse microsistema a aceitação parental é um fator protetivo relevante para ser estudado. Compreender os processos que ocorrem na família e como essa se relaciona com outros sistemas (escola, religião, fatores culturais e etc) pode ser um caminho para a compreensão de fatores relacionados à aceitação parental e, conseqüentemente, às melhores condições de desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico de jovens LGBTs.

Entretanto, falar sobre a família de origem de pessoas LGBTs parece não ser muito frequente. Alguns estudos exploraram a presença de homofobia dentro da família (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018; Frazão, & Rosário, 2008; Schulman, 2010). Em uma revisão recente sobre o tema Nascimento e Scorsolini-Comin (2018) salientam que a maior parte dos estudos foi realizada nos últimos 10 anos, sendo a maioria em língua inglesa, mostrando como o tema ainda é pouco abordado na literatura brasileira. Além disso, os trabalhos revisados apontam ainda a possibilidade de violência no âmbito familiar. Por fim,

Frazão e Rosário (2008) discorrem sobre como a revelação de uma identidade LGBT na juventude dentro da família pode levar a crises familiares, violência física, expulsão de casa, afastamento emocional dos pais e outras reações negativas, mas que, apesar disso, em muitas famílias essa crise inicial pode ser superada com o tempo tornando-se mais receptivos.

Nesse sentido é possível perceber a necessidade de estudos específicos sobre as famílias de jovens LGBTs e como elas podem funcionar como um fator de proteção. Feinstein, *et all* (2014), investigaram se o suporte familiar e a aceitação parental moderam fatores como homofobia internalizada e sensação de rejeição com sintomas depressivos, encontrando que a aceitação parental tem papel importante na associação desses aspectos com os sintomas depressivos, diferente do suporte familiar, e que então, atitudes parentais de maior aceitação frente a orientação sexual dos filhos pode ser protetivo contra estressores e até mais importante para eles do que prover apenas suporte geral. Ainda nessa linha, outras pesquisas apontam a aceitação parental como um possível fator de proteção contra depressão, estresse psicológico, abuso de substâncias, ansiedade social e ideação e tentativas de suicídio assim como pode predizer maior autoestima, suporte social e um estado geral de saúde. (Ryan *et all*, 2009; Padilla, Crisp, & Rew, 2010; Beusekom *et all*, 2015; Shepherd, 2019)

Finalmente, outro ponto relevante para o tema de pesquisas sobre famílias de pessoas LGBTs é que em sua grande maioria os estudos fazem suas análises pela perspectiva dos filhos que revelaram a orientação sexual ou identidade de gênero aos pais, de forma que o ponto de vista pais e familiares ainda é pouco explorado (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018). Frazão e Rosário (2008) discorrem sobre a aceitação parental como um processo com diferentes aspectos relacionados que podem favorecer ou não a aceitação, como religião, vergonha, culpa, contato com a comunidade gay ou a participação em reuniões e grupos com outros pais de gays e lésbicas. Ainda, um estudo com um grupo de autoajuda de pais (do Nascimento & Garcia, 2018) demonstrou como o processo de aceitação é permeado pelos

sentimentos de culpa, vergonha, sofrimento e dor, mas que a experiência em grupo foi transformadora no processo de aceitação dos filhos e de ressignificação.

### **OBJETIVO**

Dessa forma o presente trabalho tem como objetivo compreender o processo de aceitação parental de pais heterossexuais que tenham filhos LGBTs. Como objetivos específicos, tem-se: (1) identificar fatores associados à aceitação parental, (2) identificar os principais medos e dificuldades dos pais nesse processo e (3) verificar as principais estratégias utilizadas pelos pais para lidar com a revelação do filho.

Este trabalho se justifica pela exploração do tema da aceitação parental na população brasileira, diante da carência de estudos que enfoquem as famílias de pessoas LGBTs e ainda mais insuficiente produção na área que aborde a perspectiva dos pais, além da relevância social da investigação sobre fatores protetivos.

## MÉTODO

O presente estudo se caracteriza como estudo de caso múltiplo, exploratório, descritivo e qualitativo.

### *Participantes*

Participaram da pesquisa cinco mães heterossexuais, todas residentes do estado de São Paulo, entre capital e cidades interioranas, com idades entre 39 e 57 anos ( $M=46,4$ ;  $DP=7,33$ ) e que tinham ao menos um(a) filho(a) que se identificava como LGBT e que já havia revelado a orientação sexual ou identidade de gênero para essas mães. Vinte e cinco pessoas preencheram o formulário de divulgação da pesquisa, a maioria ( $n=23$ ) se identificou como mulheres. Desses, seis pessoas manifestaram interesse mas não aceitaram participar da pesquisa após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Dentre os 19 participantes, cinco foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: (1) autoidentificação de cor; (2) idade; (3) renda familiar; (4) escolaridade; (5) idade dos filhos(as); e (6) orientação e identidade de gênero dos filhos(as).

A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos das participantes.

**Tabela 1.**

Caracterização dos participantes

Participante*	Sexo	Idade	Status do relacionamento	Escolaridade	Declaração cor	Número de pessoas residentes na mesma casa	Renda	Idade do filho(a)	Escolaridade do filho(a)	Identidade de gênero do filho(a)	
Amanda	Feminino	57	Separada ou divorciada	Superior completo	Branca	1	De 2 a 4 salários (até R\$3816,00)	25	Superior completo	Mulher cis	Bissexual
Bianca	Feminino	39	Já viveu com o companheiro(a) e não vive mais	Superior completo	Branca	2	De 2 a 4 salários (até R\$3816,00)	12	Ensino fundamental incompleto	Homem trans	Transsexual
Camila	Feminino	47	Casada atualmente	Superior completo	Branca	4	De 4 a 6 salários (até R\$5724,00)	9	Ensino fundamental incompleto	Mulher trans	Transsexual
Débora	Feminino	40	Já viveu com o companheiro(a) e não vive mais	Ensino médio completo	Amarela	3	De 2 a 4 salários (até R\$3816,00)	16	Ensino médio incompleto	Homem trans	Transsexual
Eliana	Feminino	49	Casada atualmente	Superior completo	Preta	4	Acima de 10 salários (R\$9554,00)	25	Superior incompleto	Homem cis	Gay

\*Todos os nomes são fictícios

A maioria das participantes (n=3) eram brancas, com ensino superior completo (n=4), não vive mais com o companheiro(a) (n=3), com renda entre 2 e 4 salários (n=3) e com filhos(as) transexuais. O número de pessoas que vive na casa com a renda variou de 1 a 4 pessoas (M=2,8; DP=1,3) e a escolaridade dos filhos(as) era condizente com o ciclo de vida dos mesmos.

### *Aspectos éticos*

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos com o número de parecer CAAE: 18269119.3.0000.5504. As participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), o qual apresentava os riscos e benefícios do estudo, a condição de sigilo da divulgação dos dados e resultados além dos meios de contato dos pesquisadores envolvidos para casos de dúvidas.

### *Instrumentos*

1. Questionário de caracterização dos participantes elaborado pelo pesquisador com questões relacionadas ao participante (sexo, idade, autodeclaração de cor, escolaridade, renda e status de relacionamento íntimo) e ao filho(a) (idade, sexo, gênero e escolaridade).
2. Roteiro de entrevista semiestruturada elaborada pelo pesquisador para atingir os objetivos da presente pesquisa. elaborada para a presente pesquisa com base nos estudos de Nascimento, e Scorsolini-Comin, (2018); Frazão e Rosário, (2008); Schulman, (2010) e do Nascimento e Garcia, (2018). O roteiro contém questões relativas à aceitação parental dos pais, fatores relativos à sua reação frente a revelação do filho(a), expectativas ou explicações quanto à identidade, conhecimento sobre a comunidade LGBT e a relação familiar

## *Procedimentos*

### *Etapa 1. Recrutamento dos participantes*

O recrutamento dos participantes foi feito por meio de divulgação online da pesquisa em redes sociais (whatsapp, instagram, facebook etc.), canais de comunicação da instituição dos pesquisadores e em jornais locais. No convite para a participação da pesquisa (ver Anexo 2), estavam descritos o objetivo da pesquisa, os critérios de inclusão, a forma de participação e um link de acesso a um formulário do google forms.

O formulário continha inicialmente o TCLE e os participantes só davam prosseguimento se eles assinalassem a opção "Li e estou de acordo em participar da pesquisa". Após a anuência dos participantes, os mesmos foram direcionados ao Questionário de caracterização dos participantes descrito na seção de instrumentos. No final, havia uma questão sobre a disponibilidade/interesse em participar de uma entrevista remota com os pesquisadores. Em caso afirmativo, os participantes deveriam fornecer uma forma de contato (email, número de whatsapp etc), para possível contato posterior.

### *Etapa 2. Condução das entrevistas*

Após a seleção dos participantes, o pesquisador entrava em contato e agendava uma data e horário para a entrevista. Todas as entrevistas ocorreram remotamente a partir da plataforma Google Meets. Minutos antes do horário agendado, os participantes recebiam um link para participar da chamada. Antes de iniciar a entrevista, era solicitada a autorização dos participantes para a gravação da entrevista e reforçado com eles os termos do TCLE (confidencialidade e sigilo das informações). Também foi destacada a importância da escolha de um ambiente que garantisse a privacidade do participante para a aplicação da entrevista, assim como o uso preferencial de fones de ouvido, garantindo que houvesse o sigilo da chamada e do conteúdo compartilhado durante a mesma.

### *Etapa 3. Análise dos dados*

Os dados do questionário de caracterização foram analisados quantitativamente a partir de estatísticas descritivas (medias, desvio padrão, valores mínimos e máximo, e frequência). Todas as entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas qualitativamente com o auxílio do software Atlas.ti. Após uma primeira leitura do conteúdo transcrito, o pesquisador selecionava trechos significativos e atribuía um código descritivo. Após a codificação de todas as entrevistas, os códigos foram analisados e agrupados em categorias de análise. Ao todo a análise das entrevistas geraram 70 códigos que foram posteriormente agrupados em 12 categorias: (1) Revelação, (2) Redes e Fontes de Apoio, (3) Religião, (4) Transição, (5) Aceitação, (6) Luto e Desconstrução, (7) Expectativas, (8) Culpa, (9) Sofrimento, (10) Preconceito, (11) Visibilidade e Representatividade e (12) Pandemia.



## RESULTADOS

Na categoria *revelação* encontram-se dados a respeito dos sentimentos das participantes no momento da revelação dos filhos(as); reações à revelação e sentimentos dos filhos(as) em comunicar a orientação sexual ou a identidade de gênero para os membros da família extensa.

O momento da revelação em alguns casos foi recebido com surpresa. Débora, mãe de um homen trans, relata: “[...] *era uma menina espoleta, ela tinha até um menininho que ela falava que era namoradinho dela e ele também fazia como se fosse namoradinho, ia lá, pegava na mãozinha e os dois ficavam juntos, levava chocolate. Então a gente nunca imaginou né, por mais que fosse, não imaginava que seria.*”. Já Amanda se surpreendeu com a bissexualidade da filha: “*Ela falou pra mim ‘eu achava que você desconfiava’ eu falei ‘não eu não desconfiava pelo fato de você sempre namorar homem né?’.*” – Amanda

De acordo com Eliana, ao descobrir que o filho era gay, ela ficou desorientada, sem referencias para lidar com a situação: “[...] *quando você se depara com uma situação dessa você não tem um, uma... eu na minha família foi o primeiro caso né? Então assim, eu não tenho... eu não tive um tio ou, eu não tinha uma vizinha que estava passando pela mesma situação que eu, sabe? Então eu precisava encontrar alguém pra conversar, pra ouvir. Então você começa a achar ‘poxa é só aqui na minha família que acontece isso?’.*” - Eliana.

A maioria das participantes (n=4) relatou ter alguma dificuldade com a aceitação: “[...] *com dois anos minha filha começou a usar cabelo, fralda como cabelo, colocar minhas roupas como sapato, e eu sabia que isso era uma fase, então a fase em que a criança quer ser a mãe né? [...] então eu achava que ia passar [...] eu achava somente que era uma fase, fase de Édipo, alguma coisa assim [...] uma fase que logo ia passar. Só que não passava, era uma fase que não passava, que não passava, então eu percebi que naquele momento eu*

*poderia ter um filho homossexual [...]até então eu não sabia o que era transgenero.” - Camila.*

Parte dessa dificuldade de aceitação estava relacionada com a falta de conhecimento sobre as questões de identidade de gênero e orientação sexual: *“[...] interior de SP, cidade pequena, a família mente aberta mas até então não sabia o que que era transgênero, eu achei que eu tinha comido alguma fruta ou legume. Eu confundi com transgênico, porque até então não era um assunto bem falado, isso era 2012 assim, pra mim não era um assunto que fazia parte da minha rotina.” - Camila. “[...]foi a primeira vez assim que alguém falou sobre bissexualidade, eu até comentei isso com a minha filha, e eu falei assim, ‘é engraçado porque a gente nunca pensa assim ser bi, na minha geração a gente não via falar em bi, era gay né, assim, ou era... ou gostava de homem ou gostava de mulher, não tinha esse gostar dos dois’.” - Amanda*

Em relação a comunicação à família extensa, os relatos comumente estavam relacionados ao sentimento de receio dos filhos(as), especialmente para as figuras mais velhas: *“Agora ela não abre assim de maneira geral porque ela tem um avô e uma avó que ela ama de paixão, que ela acha que eles iam ficar meio chocados, mas com o resto ela não liga.” - Amanda.*

Houve um destaque nesse ponto para a revelação principalmente às pessoas mais velhas: *“E eu falei pra ele: ‘a gente tem que contar aos poucos também pras pessoas mais velhas’ só que como eles são um pouco mais velhos, aquela pessoa mais antiga, é um pouco mais difícil para eles absorver o que está acontecendo, é uma questão de sentar explicar e conversar.” - Débora.*

Por fim, sobre esse receio houve também o relato da própria mãe evitar contar par outras pessoas sobre a orientação sexual ou identidade de gênero do filho: *“A houve, assim,*

*no começo, muito muito muito mesmo, várias ocasiões assim que você fala 'ah é melhor não tocar no assunto, é melhor não deixar o pessoal saber'.*" - Eliana.

A maioria das participantes (n=4) relatou que buscaram Fontes e Redes de apoio, principalmente em grupos de apoio à mães e familiares de LGBTs e profissionais da saúde para entender o que estava acontecendo com seus filhos(as): “[...]como dar a base uma criança transgênero de 3 anos, como você dá a base pra isso, como que você lida? Então eu fui procurar ajuda, eu fui procurar ajuda, então eu procurei **o grupo de mães**, nós procuramos outros psicólogos, e aí nós fomos nos capacitando através de cursos , com vários psiquiatras, psicólogos, pediatras...” - Camila (em negrito alteração minha para não identificar o grupo citado).

A participação no grupo foi, segundo elas, muito importante na percepção de que o que estavam vivenciando também acontecia com outras famílias e também como fonte de novas informações e conhecimentos sobre a questão: “[...]então no grupo eu conversei com diversas pessoas, ninguém... das pessoas do meu convívio ninguém tinha uma experiência pra trocar. A minha mãe, o meu irmão é gay, então a minha mãe falou pra mim 'também foi difícil quando o seu irmão se assumiu', mas não é a mesma coisa, não é a mesma coisa a pessoa se declarar homossexual e a pessoa se declarar trans né, completamente diferente.” - Bianca. “[...]quando ela me viu nessa situação aí ela começou a falar do problema dela tal e me convidou para participar, aí a gente começou a participar e aí foi assim, foi uma transformação mesmo, acho que era o necessário, acho que se eu tivesse ido fazer uma terapia alguma coisa eu não teria sido tão proveitoso igual tem sido participar do grupo com as mães.” - Eliana.

Já a busca por profissionais da saúde apontou para casos de profissionais que aconselharam as mães de que o que seus filhos estavam passando não se tratava de fato da

possibilidade de serem transgênero ou de “algo sério”: “[...]fui atrás de psicólogo, fui atrás de terapia, todos eles me falaram ‘mãe, não se preocupa, isso é coisa da cabeça dele, ele não é nada, não é nada disso que ele ta falando que é, é coisinha da cabeça dele, é a passagem da idade, é um sintoma da depressão’ que não sei o que e foi tudo diagnosticado como a depressão dele né. Tanto que eu falei pra ele ‘olha os psicólogos falaram que você não é, falaram que é uma coisa momentânea, então agora eu não vou aceitar, se lá na frente quando você for mais velho quiser ser, a gente senta e conversa’.” - Débora.

Apesar disso, em outros momentos outros profissionais tiveram indicações diferentes sobre os casos, apenas uma das participantes indicou que teve boas experiências com profissionais em todo seu relato: “Então durante os dias que vieram a seguir a gente procurou ajuda, pra nós pra ela, é onde ela tem a psiquiatra a psicóloga [...] ela se mutilava muito e isso parou com a ajuda dessa psiquiatra, só dessa psiquiatra conversar com ela e explicar, ela ouvir de uma profissional o que ia acontecer com o corpo dela... então a gente foi procurar ajuda, depois desse dia todos nós fomos procurar ajuda, procuramos psicólogos para nos ajudar, eu fui para **o grupo de mães** e eu e meu marido a gente, igual eu te falei, foi se capacitar, foi saber mais sobre o assunto, a gente foi conversar mais.” - Camila.

A religião foi apontada como uma fonte de apoio por uma das participantes: “[...]primeiro momento eu fui conversar com o padre né, a gente tem assim, o pessoal católico eles tem um diretor espiritual, então assim ,tem o padre que me acompanha tal e que é a pessoa com quem eu geralmente converso. E ele por ser uma pessoa de idade né, uma... ele foi super tranquilo, eu cheguei lá cheia de dedos, apavorada tal e ele falou ‘olha você ama seu filho?’, eu falei ‘amo’, ele falou “você vai amar triplicado, você vai amar ele muito, muito, muito mais’ e aí eu comecei: ‘não padre, mas e agora o que que eu vou falar, o que vai acontecer?’ [...] aí depois eu fui falar com outro padre, o outro padre já me deu um outro posicionamento diferente, ele falou: ‘olha, você tem outros 2 filhos, se você deixar que

*esse teu filho leve os namorados pra casa tudo, você vai estar dando mal exemplo pros outros dois', então é assim, eu ouvi muitas coisas né."* - Eliana

Nenhuma participante relatou de que a religião tenha influenciado na sua aceitação, porém destacaram que acreditam sim que uma forte religiosidade conservadora poderia ter algum efeito na aceitação de filhos LGBTs: *"[...]mas é claro o fato de a minha religião nunca ter perseguido, nunca ter hostilizado pessoas trans, me influencia no que eu sou, na minha visão. Pra mim é normal né, a umbanda e o candomblé acho que são religiões, se não as únicas, umas das poucas que acolhe a população trans, que dá a voz a essas pessoas. Então eu acho que sim, talvez se eu tivesse uma formação cristã mais tradicional, que visse tudo isso como um pecado, talvez eu acho que tivesse mais dificuldade."* - Bianca.

De fato, mesmo participantes católicas indicaram que pode haver dentro da igreja linhas de pensamentos mais conservadores, com as quais elas não se identificavam, que prega de alguma forma a não aceitação de orientações sexuais e identidades de gênero não heterocisnormativa: *"[...]dentro da igreja você tem o pessoal que segue rigorosamente aquele lado mais humanitário né, que tá sempre voltado a participar com projeto sociais que é, tem realmente essa linha, mas também tem aquela linha mais conservadora né? Então eles né, chega até ter uma pregação diferenciada dentro da própria igreja, então existe ao meu ver, e acho que isso é nítido, existem duas linhas sim, e eu sempre fui muito por esse lado social. Então assim, grupo de jovens a gente fazia trabalhos sociais né, a gente sempre lutou ai por, por esse lado ai de fome, aquela coisa toda, então esse lado que é o lado do padre que eu fui conversar tudo, então ele era dessa linha, ele é dessa linha, então isso me ajudava de uma certa maneira, porque se prega muito mais o amor. [...] agora se eu tivesse realmente enraizada nessa outra teoria, nessa outra teologia que fala muito mais do... eu realmente teria me atrapalhado, tanto que hoje por exemplo eu vou em algumas missas que eu não consigo me identificar né com a homilia lá do padre que tá falando de determinadas*

*coisas que eu... que aí eu não concordo." - Eliana.*

A categoria de *transição* foi específica para as mães de filhos(as) transgênero. Os relatos indicaram algumas especificidades como a necessidade de comunicar à outras pessoas do convívio familiar e social sobre a identidade de gênero dos(as) filhos(as), já que isso reflete diretamente na forma como eles(as) serão tratados(as): *"[...]eu contei pra todo mundo porque o fato dele ser um menino interfere na forma como as pessoas vão se relacionar com ele, as pessoas não podem mais chamar ele pelo nome civil, as pessoas tem que chamar ele pelo nome social, então por isso eu contei, pra que as pessoas possam respeitar, tendo a informação para respeitar. É claro que o fato dele anteriormente ter se declarado como uma menina lesbica eu não fui no grupo da família pra contar porque realmente ninguém tem nada a ver com isso, mas eu realmente nunca iria esconder, mas eu acho que a questão da identidade social é pra fora né, é como você se vê no mundo é como você quer que as pessoas te tratem a identidade de gênero, a orientação sexual é pra dentro, é só com você, você não precisa ficar falando pras pessoas se você não quiser né, agora a identidade de gênero não, eu quero que todo mundo trate como Bruno, o respeite como Bruno e por isso eu senti a necessidade de contar pra todo mundo." - Bianca.*

Para essas mães, ter um filho ou filha trans implicava também em uma série de burocracias e mudanças que não estavam presentes nos relatos e no cotidiano de pessoas cis: *"pra eu poder mudar o nome dele, inserir o nome social no CPF, no RG, ela já me colocou em contato com esse grupo de mães que eu participo até hoje, e assim, eu sou uma pessoa muito da ação sabe, eu sou uma pessoa muito prática, aí precisa fazer isso eu vou lá e faço. Então em um mês eu resolvi toda essa parte burocrática de RG, CPF, fui na escola expliquei qual era a situação, exigi o respeito do nome social, cheguei lá bem armada já, com pelo menos 3 decretos no meu celular, não precisou, o diretor foi super assertivo, então assim, aí a gente deu andamento na transição social, trocamos de roupa, compramos roupa nova,*

*aquela faixa de conter o seio, fiz tudo que tava ao meu alcance pra que ele se sentisse confortável, dentro do gênero dele." - Bianca.*

Em suas falas as participantes indicaram ainda que em diversas situações isso incluía a necessidade de serem assertivas e didáticas com outras pessoas para que seus filhos(as) recebessem uma recepção adequada: *"No último ano em 2019 veio uma diretora um pouco mais velha que não sabia o que era transgênero, então eu fiquei uma hora dando palestra pra ela, ensinando ela e depois a gente ficou trocando mensagens pelo celular, pra ajudar ela, porque eu precisava do nome social, levei os documentos as leis, que precisava pro nome social[...]" - Camila. "[...]'ah não eu não vou mais convidar vocês pro aniversário da minha filha, como eu vou apresentar a Carol sendo que ela é Carlos? Como que eu vou explicar isso pros meus filhos?' Eu falei olha eu te conto uma historinha você conta uma historinha pros seus filhos e as crianças são mais fáceis de assimilar, e vai dar tudo certo. 'Não, eu não quero mais você nas festas com meus filhos'." - Camila.*

Analisando especificamente a *aceitação* das mães, todas as participantes indicaram que teve uma forte relação com o contato delas com outras pessoas LGBTQs ou com filhos LGBTQs: *"Eu acho que o fato de eu estar lidando com adolescentes, o fato de ter essa menina que era bem próxima, chegar pra mim dizer que era bi, eu acho que isso facilitou quando ela me contou, eu acho que se eu fosse uma pessoa que eu não tivesse contato nenhum, não tivesse muito conhecimento a respeito, não tivesse feito vários trabalhos a respeito, talvez eu ficasse mais surpresa, mais chocada, alguma coisa assim." - Amanda. "[...]depois com o grupo das mães também, aí eu fui eu conheci, eu trabalhava com uma pessoa que participa do **grupo de mães** e ela me convidou pra ir numa reunião, então assim, aí se acaba ouvindo vários depoimentos e isso vai te fortalecendo de uma certa forma." - Eliana.*

Para a maioria o tempo foi um fator crucial para uma maior aceitação: *"[...]eu*

*consegui falar um pouquinho das coisas com mais clareza porque se você tivesse feito essa pesquisa comigo a duas semanas atrás eu não ia conseguir nem falar, porque eu só chorava." - Débora. "[...]hoje eu sou uma outra pessoa, se você me perguntasse isso a 7 anos atrás eu ia falar que não, mas hoje eu falo eu te falo que eu faria tudo de novo igualzinho. Não, eu acho que eu teria visto minha filha antes, eu não deixaria ela passar pelo que ela passou, então eu teria visto a minha filha antes." - Camila. "[...]eu lembro nos primeiros dias de falar pro meu irmão né, 'eu não queria isso, eu vou perder a minha filha, não vou ter mais uma filha', e aí com o tempo fui elaborando, entendendo que o que eu perdi são as minhas expectativas né, tudo o que eu tinha de expectativa de ter uma filha, uma coisa que eu acho que só o tempo vai me ajudar né, a lidar com isso, a ressignificar isso." - Bianca*

Em todos os casos, depois de algum tempo, com a participação no grupo de apoio e em contato com outras fontes de apoio houve uma maior aceitação do filho(a). Em alguns casos essas mães passaram inclusive a lutar pela defesa dos direitos de pessoas LGBTQs:

*"[...]então hoje eu virei uma mãe de trans ativista, total assim, eu vou falar sobre isso muito, eu acho que os pais de pessoas trans tem uma responsabilidade de falar e de perguntar pras pessoas 'você nunca se questionou porque não tem uma pessoa trans no seu convívio?', eu não tinha me questionado também, hoje eu me questiono. Não tem porque essas pessoas estão a margem, não tem porque essas pessoas se constroem no serviço de saúde e às vezes não tem a mãe como eu tenho sido, e eu não acho que estou fazendo nada de mais não, eu acho que eu to fazendo o mínimo que eu tenho que fazer." - Bianca. "[...]eu espero e luto e faço com que quando ela chegar na idade de um emprego seja diferente, essa é a minha esperança e do meu marido e da minha filha, nós lutamos para que as pessoas transgênero tenham visibilidade, tenham acesso a educação, tem sabe... condições de ter seu emprego de ter é as suas condições entendeu de exercer aqui que ela quiser, ou que ela sonhar, ou que ela idealizar." - Camila.*



Quando questionadas sobre o interesse na participação da pesquisa elas falaram sobre a importância do tema da aceitação e da relação familiar: *"Então né eu soube no grupo, de mães, de famílias, que tinha essa pesquisa destinada aos pais de famílias trans e tudo, e como meu filho se assumiu recente eu acho importante participar né. A gente também falar como a gente se sente, pra gente também saber como é para nós, não só para eles, mas a gente também, que a gente também acaba transicionando junto com eles né e acho que é importante isso."* - Débora. *"Porque acho que existem poucas informações sobre pessoas trans, menos ainda sobre como é essa questão da relação familiar porque muitas pessoas acabam perdendo o vínculo familiar no momento em que se assumem e eu acho que a gente precisa falar disso, as pessoas trans existem, os pais e as mães das pessoas trans existem."* - Bianca

Nos relatos das entrevistas surgiu o tema do *Luto e Desconstrução*, relacionado ao sentimento de “perda” de um filho anterior ou a desconstrução da ideia de que se tinha desse filho: *"[...]eu lembro que quando ele chegou, no dia que ele foi buscar o óculos novo, que ele chegou com o óculos eu lembro que eu chorei muito porque era a última coisa que ele tinha que me lembrava da filha que eu tive por 12 anos [...] é um luto das minhas expectativas, é um luto de tudo que significava pra mim ser mãe de uma menina, eu sou uma mulher feminista, eu me identifiquei feminista grávida, porque eu me envolvi com o movimento de humanização do parto, as minhas escolhas profissionais, as minhas escolhas enquanto militante sempre tiveram a ver com o fato de eu ser mãe de uma menina."* - Bianca.

Nas suas falas as participantes também apontam que diante um processo de aceitação novas expectativas foram estabelecidas ou reorganizadas de forma a abranger a vivência tanto delas quanto de seus filhos: *"[...]é o primeiro filho, você sonha né, 'ah vai casar, vai ter filhos', eu não sei assim, você cria toda uma expectativa, eu demorei realmente pra desconstruir isso daí, eu falei 'poxa', eu pelo menos assim, eu achava, sabe aquela coisa*

*de você apostar tudo né, você fantasia, você cria, você acha que ele vai ser doutor que ele vai ser isso, você cria uma expectativa em cima de uma pessoa. Então esse é o grande erro, depois que eu fui me desconstruindo eu falei 'não, não existe, ele não precisa ser doutor, se você quer, você vai ser doutora' né, então assim, aí eu voltei a estudar, com isso daí eu acabei me encontrando também né, 'não perai, não adianta eu ficar apostando todos os meus sonhos nele, é eu quem tenho que correr atrás', então eu voltei a estudar, eu terminei a faculdade no ano passado, então é assim mesmo." - Eliana. "Eu falo pra ele muito 'Estuda!' né, eu quero um futuro pra ele, que não seja perto de mim, que o sonho dele é ir embora do Brasil, 'Que você vá embora do Brasil, que você case com uma moça que seja uma boa pessoa né', ele fala muito 'eu não quero filhos', 'Eu quero um neto, não tem jeito. Eu quero um pelo menos nem que você adote uma criança eu quero' e eu sempre deixo claro isso, eu falo 'eu quero um filho' ele fala 'Não mãe, não quero criança', eu falo 'Então adota um grande já, pega uma criança grande que tem muita criança que precisa de amor' ele fala 'não, eu não tenho paciência'. Mas o futuro é o mesmo, eu falo 'Estuda, constrói a sua vida, com base no que você tem agora, no que você tem possibilidade, do que eu posso te ajudar, né? Para garantir a sua vida lá fora', pra que ele caminhe sozinho, pra que ele tenha o espaço dele também, pra poder ter a vidinha dele." - Débora.*

Para essas mães a experiência de aceitação era atravessada também por sentimentos de Culpa: "[...]eu me considero uma pessoa relativamente desconstruída e mesmo assim pra mim tem uma parte que é muito difícil que é a parte que é só da mãe né. A Bianca jornalista, feminista entende absolutamente esse processo pelo qual o meu filho está passando, a mãe sente que perdeu a filha, então isso pra mim é um conflito. Então eu acho que é importante a gente falar sobre isso porque também esse sentimento traz uma culpa, sabe? Tem um ditado no universo materno que diz 'nasce a mãe nasce a culpa' e é mais ou menos assim, a gente se culpa muito por tudo, e num primeiro momento eu tava me culpando por estar me sentindo

*assim.*" - Bianca.

Essa culpa tem diferentes motivos, mas, em geral, se relacionava ao papel de mãe: *"assim eu não percebia nada sabe, e assim ele nunca... ele só começou realmente a demonstrar que estava infeliz, que alguma coisa não estava legal quando ele realmente tava próximo dos 18 anos, então ele tava mais, mais estressado, eu ia conversar com ele ele tava meio arredio né, e aí foi que teve esse, essa conversa né, esse momento que ele chamou pra conversar e contou toda a hist... tudo que ele passava né, aí foi que eu fui saber, então assim, eu como mãe eu vou te falar que foi uma sensação muito ruim, tudo bem o fato era ruim, mas assim, sabe aquela sensação de... fracasso assim, não.. não só pelo motivo da opção dele, mas assim de eu nunca ter percebido, de eu nunca ter notado nada, dele ter passado por tudo isso deu achando que eu era super mãe quando na verdade não era então essas coisas assim."* - Eliana.

Outro ponto que se relacionou com essa culpa foi o sofrimento, ao não aceitar a identidade de gênero do filho. Uma participante relatou o sofrimento gerado por isso: *"Eu meio que já esperava isso né, minha reação foi abraçar ele, chorei né porque na hora, não sei, não sei o que eu senti, meio que eu fiquei sem chão, chorei muito, mas não foi de tristeza, não foi uma tristeza, não foi uma coisa ruim, eu chorei porque eu pensei no sofrimento que eu causei nele durante esses 6 anos, foram muito longos."* - Débora.

Nos casos em que a aceitação veio depois de algum tempo, esse sofrimento deu lugar então para um sentimento de alívio: *"[...]onde eu ia ele ia comigo, até os 10 anos, porque depois dos 10 anos, às vezes eu levava ele numa festa de parente ele chorava que queria ir embora, ele entrava numa crise, dava desespero de ver ele chorar. Porque eu acho que ele não aceitava quem ele era, pra ele era difícil ficar no meio de tanta gente sendo que ele não se aceitava, então foi muita briga, porque eu achava que era pirraça de criança, foi*

*errado também. É, eu acho que nesse ponto eu fui bem ruim pra ele [...] E depois que ele assumiu, que ele tá transicionando ele é outra pessoa, ele cumprimenta todo mundo —que a gente mora num condomínio agora— ele cumprimenta todo, ele sai comigo, ele fala “mãe vou jogar o lixo pra você” e vai joga o lixo pra mim, ele é mais companheiro[...]*” - Débora.

*“Muitas das questões que ele tinha, as dores da fibromialgia melhoraram muito depois que ele se assumiu, num primeiro momento aquela criança triste, aquela criança insatisfeita, deu lugar a uma criança muito mais feliz.”* - Bianca.

Uma mãe relatou a diferença que segundo ela era observável na aparência de seu filho diante da revelação e aceitação da sua orientação sexual: *“[...]o fato dele ter se aberto e a gente ter assentado gerou muito mais confiança pra ele, hoje ele é uma outra pessoa assim, em vista de... até nas fotos né, se pegar uma foto lá na época que ele tava no armário você via ele todo reprimido ali tudo, hoje você vê uma pessoa totalmente liberta né, então assim, é uma diferença muito grande que uma mãe, que uma família faz ao deixar o filho ser o que ele... o que ele quer ser, então assim, acho que é muito, muito positivo, pena que eu não posso compartilhar foto com você, se não eu mandava pra você ver que diferença, é nítido, você olha assim, você fala ‘epa’, realmente é outra pessoa.”* - Eliana

Em todos os casos as participantes falaram sobre o medo de que seus filhos pudessem sofrer algum tipo de violência ou preconceito: *“E depois disso eu acho que a preocupação de toda mãe é com relação ao preconceito que todo filho vai sofrer, então essa preocupação, porque infelizmente a gente vive numa sociedade tão ridícula, tão preconceituosa... Então eu acho que esse medo toda mãe tem: do filho apanhar na rua, do filho sofrer todo tipo de violência, por exemplo se ela arrumar... se ela tiver namorando uma menina e ela sofrer violência por isso, então eu acho que a minha única preocupação é essa.”* - Amanda. *“[...]um outro detalhe também foi: eu tava passeando com eles no bairro onde ele, onde ele tinha, tava morando... e chegou lá ‘nossa que bairro legal, vocês vem aqui*

*a noite?’, eles falaram, ‘não Eliana, a gente não pode vir aqui’, falei ‘ah porque vocês não podem?’, ‘não porque se a gente vier aqui eles podem bater né e ter agressão e tudo mais’, então isso me preocupou.” - Eliana.*

Infelizmente esse medo não era isolado ou irreal. Todas as entrevistas incluíram relatos de comentários e comportamentos preconceituosos de terceiros, inclusive acontecimentos fortes e marcantes: “[...]quando ela tinha 3 anos nós fomos numa festa, [...] nós fomos convidados para o aniversário de uma criança [...] quando ela pegou uma boneca e começou a brincar com a boneca e um amigo do meu amigo gritou que menino não brinca de boneca, mas gritou assim, uma festa lotada, ‘onde já se viu, larga essa boneca menino, boneca... homem não brinca de boneca, homem não brinca de boneca, você é um menino’, gritou né, aí sabe aquele segundinho assim que você fica sem reação, ficou eu o meu marido e minha filha assim sem reação sabe, bateu na gente aquilo né, bateu e doeu. [...] Foi horrível [...] foi a primeira transfobia que a gente sofreu na vida, e foi impactante, foi dilacerante, foi dolorido, ninguém em nenhum momento tomou partido em relação a nos defender, [...] a gente tem um trauma de festa infantil com tema feminino sabe, porque nos remete aquela situação grotesca que a gente passou.” - Camila

Nas entrevistas também se destacou a Visibilidade e Representatividade como aspectos que facilitaram ou se relacionaram com a aceitação: “[...]eu tenho uma família muito grande, então mandei uma mensagem explicando, falei ‘ah vocês assistem a novela, é igualzinho a novela’, então esse ponto ajudou tava passando a novela ainda né, que tem uma personagem que começa como ivana e ao longo da trama se entende ivan.” - Bianca. “[...]o dia dos pais, ele colocou o comercial do Thammy como pai né, que todo mundo ficou pasmo com aquilo, que achou inaceitável, aí eu peguei o meu perfil do facebook e postei lá, ‘pra mim Thammy é pai e merece respeito e homenagem também pela natura’.” - Débora.

Segundo as participantes essa representatividade foi importante para facilitar o contato com novas informações sobre identidade de gênero e orientação sexual: “[...] *Ja neuro falou assim, ‘olha existem várias possibilidades, uma delas é que a sua filha é transgênero’ [...] então fomos a uma psicóloga, e essa psicóloga mandou eu pesquisar a filha da Angelina Jolie e a filha da Gretchen.*” - Camila. “*Eu acho que a novela facilitou muito e por coincidência a novela está sendo exibida agora facilitou muito, então a mãe do meu namorado, quando o meu namorado contou pra ela, ela falou ‘ah igual o menino da novela’ ele falou: ‘é’, ela falou ‘ah tá bom’, então assim, ajuda as pessoas a entenderem, ajudou muito, talvez eu nem lembrasse da novela se el não tivesse sendo reprisada.*” - Bianca

Como a coleta de dados ocorreu durante o período de pandemia da Covid 19, parte dos relatos descreveram a realidade de filhos(as) que passaram por transição vivendo em quarentena, destacando o receio delas coma a reabertura, visto que seus filhos puderam ter um espaço seguro dentro de casa para experienciar à transição, no entanto ainda não sabem o que esperar de novas experiências sociais.: “[...] *Je tenho muito receio de como vai ser quando voltarem as aulas presenciais, eu tenho medo de como vai ser quando ele entrar num banheiro masculino né, de outros meninos sabendo que ele é um menino trans, de ele sofrer algum tipo de violência eu tenho muito medo disso e eu converso com ele sobre isso*” - Bianca. “*hoje tá confortável pra gente porque a gente está numa pandemia praticamente presos em casa, então está confortável, é confortável e tranquilo, mas que a minha expectativa é que as pessoas recebam mais informações sobre o assunto, que as pessoas sejam capacitadas, que elas ouçam mais e que os direitos e deveres das pessoas trans sejam respeitados.*” - Camila.

## DISCUSSÃO

Considerando o objetivo da presente pesquisa, o qual referia-se a compreender o processo de aceitação parental de pais heterossexuais que tenham filhos LGBTs, pode-se identificar que a reação frente a revelação da identidade de gênero ou orientação sexual foi permeada por um sentimento de surpresa, principalmente quando as mães não possuíam muito conhecimento sobre questões de gênero e diversidade sexual, dificultando o processo de aceitação. Estudos anteriores sobre o tema da revelação apontam o conhecimento dos pais sobre a comunidade LGBT como um elemento importante para a aceitação dos filhos(as) e que o acesso à informações pode tornar o processo menos doloroso para a família. (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018; Frazão & Rosário, 2008; Sánchez, 2009).

No momento da revelação foi comum também o relato de receio para comunicar aos membros da família extensa, especialmente membros mais velhos, além do relato de mães que inicialmente evitavam falar sobre o assunto com outras pessoas. Sanchez (2009) relata que muitos pais e avós foram educados em um momento histórico em que a homossexualidade era vista como patologia, como um desvio sexual. Logo, eles conviveram com esses conceitos e crenças, o que pode dificultar a compreensão e aceitação dos netos(as), sobrinhos(as) etc. Ademais, Frazão e Rosário (2008) destacam o medo da reação negativa da família frente à orientação sexual, já que muitas famílias podem ter uma postura violenta nesse momento, incluindo a ruptura de laços; e evitar falar a respeito do assunto pode se tratar tanto de uma negação inicial dos pais, quanto do medo de vir a sofrer uma exclusão social por conta dos estigmas relacionados à homossexualidade (Debella & Gaspodini, 2021, Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018 e Frazão & Rosário, 2008). Ou seja, mesmo com a aceitação dos pais, há uma preocupação deles em relação à socialização dos filhos(as) e acesso aos direitos (Sánchez, 2009)

Um fator importante que facilitou esse processo e que pode fornecer informações e

um sentimento de pertencimento a essas mães foram as diferentes fontes de apoio a que elas tiveram acesso após a revelação. A participação em grupos de apoio foi citada como um aspecto relevante na aceitação das participantes. Tal dado vai ao encontro estudo realizado por Nascimento e Garcia (2018) que acompanhou um grupo de apoio para pais de filhos LGBTs e verificaram que a frequência de participação no grupo era um caminho para o processo de aceitação de acordo com os participantes.

Além dos grupos, as participantes também fizeram referências a diferentes profissionais da saúde. As experiências relatadas foram ora positivas, ora negativas. Pensando na importância desse suporte para essas famílias a formação e o preparo de profissionais da saúde para o atendimento ao público LGBT é imprescindível a presença destes conteúdo na formação dos profissionais, a qual ainda é incipiente. (Paranhos, Willerding & Lapolli, 2021; Frazão & Rosário, 2008)

Entre as fontes de apoio surgiu também a religião e a participação nas comunidades religiosas. Apesar de ser uma forma de apoio para uma das mães, as outras participantes não relataram uma grande influência desse aspecto nos seus processos de aceitação. No entanto, comentaram sobre a crença de que o conservadorismo religioso poderia sim ter efeitos nesse processo. De acordo com a revisão de literatura sobre a revelação e as relações familiar realizada por Frazão e Rosário (2008), essas religiões tradicionais são orientadas para o casamento e propagam uma ideia da homossexualidade como uma ameaça à família e a comunidade.

No caso das tres mães de pessoas trans, foram relatados desafios específicos. Diferente das famílias com filhos(as) cis, a revelação para a família extensa e outras pessoas do convívio cotidiano das famílias era uma questão mais complexa. O uso do nome social, por exemplo, é uma forma de afirmação de sua identidade e está relacionado com a



diminuição de fatores de risco em saúde mental (Russell, Pollitt & Grossman, 2018). Além disso, essas famílias enfrentaram excesso de burocracias e constantemente precisavam estar a par de leis e decretos para que tivessem o direito de seus filhos(as) respeitado. Sousa (2019), reflete sobre como a burocracia associada a documentos de identificação favorece a manutenção de padrões hegemônicos de gênero.

Ademais do conhecimento, o contato com pessoas LGBTs ou com outras mães se mostrou um fator relevante para a aceitação parental de acordo com as falas das participantes. Sanchez (2009) destaca que atualmente a maioria das pessoas sabem o que é homossexualidade e aceitam pessoas que não pertencem à própria família, indicando como a presença e identificação dessas pessoas contribuem para o processo de aceitação. Nascimento e Garcia (2018) destacam a importância do contato com outras famílias passando pela mesma situação no grupo de apoio, enquanto Frazão e Rosário (2008) destacam que um contato positivo com a comunidade LGBT é essencial no processo de aceitação dos pais.

A passagem de algum tempo desde a revelação também surgiu como um elemento de destaque no processo de aceitação. Esse fator foi apontado também em outros estudos com pais e familiares de pessoas LGBTs (Nascimento & Garcia, 2018; Debella & Gaspodini, 2021; Sanchez, 2009). Com o passar do tempo muitas mães inclusive passaram a assumir uma postura ativista e de luta pelo direito de pessoas LGBTs, fator que inclusive foi um grande propulsor no interesse para a participação delas nesse projeto de pesquisa.

Outro ponto que se mostrou como um facilitador no processo de aceitação parental foi a representatividade e visibilidade de pessoas LGBTs em mídias sociais. Nascimento e Scorsolini-Comin (2018) discutem como a retratação de processos de revelação e aceitação de filhos LGBTs na mídia podem servir de modelos para que pais tenham referências na compreensão das experiências de pessoas homossexuais e combate à estigmas.

Apesar dos pontos destacados acima esse processo não foi isento de medos e dificuldades. Durante as entrevistas as participantes demonstraram um sentimento de luto ou a desconstrução de uma ideia anterior de seus(as) filhos(as), muito relacionado às expectativas sobre os filhos que construíram ao longo da vida e da maternidade. Nascimento e Garcia (2018) falam sobre a desconstrução de verdades que os pais enfrentam e Debella e Gaspodini (2021) apontam como as expectativas heteronormativas quanto a casamento e família são presentes nas famílias, mas, após o processo de aceitação, os pais percebem que essas possibilidades não são exclusivas da heterossexualidade.

Em todos os relatos foi presente falas sobre o medo de que os(as) filhos(as) viessem a sofrer algum tipo de violência e preconceito. Debella e Gaspodini (2021) apontam que esse foi um tópico trazido por todos os participantes em sua pesquisa, independente do nível de aceitação das famílias. Outros estudos também apontam como esse é um medo presente entre os familiares. (Nascimento & Garcia, 2018, Frazão & Rosário, 2008; Nascimento e Scorsolini-Comin, 2018)

A aceitação também foi permeada pelo sentimento de culpa. Esse sentimento pode ser relacionada com uma auto responsabilização e falta de conhecimento sobre as vivências de pessoas LGBTs (Debella & Gaspodini, 2021). Em muitos momentos destacou-se a culpa e o sofrimento causado aos(às) filhos(as) e um certo alívio desse sofrimento após a revelação ou aceitação de suas identidades de gênero e orientações sexuais. Estudos apontam para a melhora de sintomas depressivos, não só após a revelação, mas principalmente devido a aceitação. (Nascimento & Garcia, 2018, Ryan *et all*, 2010, Beusekom *et all*, 2015, Feinstein *et all*, 2014, Debella & Gaspodini, 2021)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho explorou diferentes aspectos da aceitação parental de filhos LGBTs mediante o uso de entrevistas. Os resultados apontaram para a importância da aceitação para o alívio do sofrimento dos filhos e também na relevância de fontes de apoio no processo de aceitação experienciado pelas mães. Esses achados estão de acordo com outras pesquisas anteriores que também exploraram os efeitos da aceitação em jovens LGBTs ou trabalhos incluindo familiares de pessoas LGBTs. (Nascimento & Garcia, 2018, Ryan *et all*, 2010, Beusekom *et all*, 2015, Feinstein *et all*, 2014, Debella & Gaspodini, 2021; Eisenberg & Resnick, 2006)

O uso de entrevistas semiestruturadas remotas foi a opção selecionada devido ao momento de pandemia da COVID 19, mas o qual se mostrou em uma alternativa possível e viável. A possibilidade de realização de entrevistas via plataformas virtuais favoreceu o o recrutamento e participação de pessoas de diferentes localidades. Destaca-se que a amostra do presente estudo tinha alta escolaridade, acesso à tecnologia e domínio para utilizar a plataforma selecionada pelo pesquisador, o que pode ter contribuído para a coleta de dados não ter tido problemas para a sua execução.

Ainda sobre o contexto de pandemia, os dados encontrados apontaram para o conforto das famílias que não enfrentaram experiências sociais de exposição e um receio diante dessa possibilidade. Entretanto, é importante ressaltar que as experiências das participantes deste estudo não representam a totalidade das famílias de pessoas LGBTs durante esse momento e que outros dados apontam para um aumento da violência intrafamiliar contra a população LGBT nesse período. (Nações Unidas Brasil, 2020)

É importante lembrar também que se trata de um estudo de caso múltiplo com caráter exploratório no qual foram entrevistadas cinco participantes não podendo, portanto,

os resultados desta pesquisa serem generalizados. Por outro lado, desde o início deste trabalho até sua finalização outros estudos foram publicados e abordaram as questões de aceitação parental e famílias de pessoas LGBTs. Muitos desses trabalhos foram realizados com metodologias qualitativas, (Nascimento & Garcia, 2018 e Debella & Gaspodini, 2021) assim, espera-se que a presente pesquisa possa servir como referências e fundamentação para novas investigações e na realização de estudos quantitativos que admitam um número maior de participantes.

O arcabouço teórico aqui referenciado poderia também respaldar intervenções com famílias de pessoas LGBTs, lembrando o quanto o contato com profissionais qualificados e o acesso à informação foi relevante para a aceitação parental, e esta para o alívio do sofrimento de jovens LGBTs, segundo o relato não só das participantes mas também de acordo com outros estudos (Nascimento & Garcia, 2018, Ryan *et all*, 2010, Beusekom *et all*, 2015, Feinstein *et all*, 2014, Debella & Gaspodini, 2021, Chang, Chang, Martos, Sallay, Stam *et all*, 2017).

Dessa forma, esse conhecimento serve à promoção de saúde mental e conhecimento sobre fatores protetivos para uma população que, de acordo com muitas produções, vem sendo repetitivamente associada com comportamentos de risco, uso de substâncias, altos índices de depressão, suicídio e ansiedade, vulnerabilidades essas que podem e devem ser trabalhadas considerando evidentemente o âmbito familiar (McConnell, Birkett, & Mustanski, 2015; Reyes, Victorino, Chua, Oquendo, Puti, Reglos, & McCutcheon, 2015; Shepherd, 2019).

## REFERÊNCIAS

- Acuña, D.R. & Lemos, S.M. (2020) Vida familiar e saúde psicossocial. Em: Teodoro, M.L.M. & Baptista, M.N. (orgs) *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. Porto Alegre: Artmed, pp.64-69.
- Beusekom, G., Bos, H. M., Overbeek, G., & Sandfort, T. G. (2015). Same-sex attraction, gender nonconformity, and mental health: The protective role of parental acceptance. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 2(3), 307. doi: 10.1037/sgd0000118
- Bhering, E. & Sarkis, A. (2009) Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. *Horizontes*, 27(2), 7-20
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. W. (2000) Developmental Science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9-1, p. 115-125.
- Bronfenbrenner, U. (1986) Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*. 6, 1986. Vp.723-742.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2007). The bioecological model of human development. *Handbook of child psychology, 1*. doi: 10.1002/9780470147658.chpsy0114
- Cardoso, H.F. & Baptista, M.N. (2020) Família e intergeracionalidade. Em: Teodoro, M.L.M. & Baptista, M.N. (orgs) *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. Porto Alegre: Artmed, pp.4-14.
- Chang, E. C., Chang, O. D., Martos, T., Sallay, V., Lee, J., Stam, K. R., ... Yu, T. (2017). Family Support as a Moderator of the Relationship Between Loneliness and Suicide Risk in College Students. *The Family Journal*, 25(3), 257–263. doi:10.1177/1066480717711102
- Collodel-Benetti, I., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Ribeiro-Schneider, D. (2013). Fundamentos de la teoría bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicología*, 9(16), 89-99. doi: 10.16925/pe.v9i16.620
- Coscioni, V., Nascimento, D. B. D., Rosa, E. M., & Koller, S. H. (2018). Pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: Uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa. *Psicologia USP*, 29(3), 363-373. doi: 10.1590/0103-656420170115.
- Debellla, M. C., & Gaspodini, I. B. (2021). Experiências de pais e mães quanto à revelação da orientação não heterossexual de filhos/as. *Interação em Psicologia*, 25(1). doi: 10.5380/riep.v25i1.68018
- Eisenberg, M. E., & Resnick, M. D. (2006). Suicidality among gay, lesbian and bisexual youth: The role of protective factors. *Journal of adolescent health*, 39(5), 662-668. doi: 10.1016/j.jadohealth.2006.04.024

- Feinstein, B. A., Wadsworth, L. P., Davila, J., & Goldfried, M. R. (2014). Do parental acceptance and family support moderate associations between dimensions of minority stress and depressive symptoms among lesbians and gay men?. *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(4), 239. doi:10.1037/a0035393
- Francisco, L. C. F. D. L., Barros, A. C., Pacheco, M. D. S., Nardi, A. E., & Alves, V. D. M. (2020). Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 69(1), 48-56. doi: 10.1590/0047-2085000000255
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 26(1), 25-45. Retrieved from: <http://www.scielo.mec.pt>
- Irish, M., Solmi, F., Mars, B., King, M., Lewis, G., Pearson, R. M., Pitman, A., Rowe, S., Srinivasan, R. & Lewis, G. (2019). Depression and self-harm from adolescence to young adulthood in sexual minorities compared with heterosexuals in the UK: a population-based cohort study. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 3(2), 91-98. doi: 10.1016/S2352-4642(18)30343-2
- McConnell, E. A., Birkett, M. A., & Mustanski, B. (2015). Typologies of social support and associations with mental health outcomes among LGBT youth. *LGBT health*, 2(1), 55-61. doi: 10.1089/lgbt.2014.0051
- Moak, Z., & Agrawal, A. (2010). The association between perceived interpersonal social support and physical and mental health: Results from the national epidemiological survey on alcohol and related conditions. *Journal of Public Health*, 32, 191–201. doi:10.1093/pubmed/udp093
- Nações Unidas Brasil (2020, Novembro 11.). Pandemia tem impacto desproporcional sobre pessoas LGBT, aponta relatório de especialista independente da ONU. *Brasil.un.org*. Retrieved on June 29st, 2021, from: <https://brasil.un.org/pt-br/100282-pandemia-tem-impacto-desproporcional-sobre-pessoas-lgbt-aponta-relatorio-de-especialista>
- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2018). A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1527-1541. doi: 10.9788/tp2018.3-14pt
- Nascimento, R. F., & Garcia, M. R. V. (2018). Homo/transsexualidades e família: análise de um grupo voltado a pais e mães de LGBTs. *Laplage em revista*, 4(3), 209-224. Retrieved from: <https://dialnet.unirioja.es>
- Padilla, Y. C., Crisp, C., & Rew, D. L. (2010). Parental acceptance and illegal drug use among gay, lesbian, and bisexual adolescents: Results from a national survey. *Social Work*, 55(3), 265-275. doi: 10.1093/sw/55.3.265
- Paranhos, W. R., Willerding, I. A. V., & Lapolli, É. M. (2021). Formação dos profissionais de saúde para o atendimento de LGBTQI+. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 25. doi: 10.1590/interface.200684
- Poštuvan, V., Podlogar, T., Šedivy, N. Z., & De Leo, D. (2019). Suicidal behaviour among sexual-minority youth: a review of the role of acceptance and support. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 3(3), 190-198. doi: 10.1016/S2352-4642(18)30400-0

- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. dos. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia Em Estudo*, 12(2), 247–256. doi: 10.1590/S1413-73722007000200005
- Reyes, M. E. S., Victorino, M. C., Chua, A. P., Oquendo, F. Y., Puti, A. S., Reglos, A. A., & McCutcheon, L. E. (2015). Perceived parental support as a protective factor against suicidal ideation of self-identified lesbian and gay Filipino adolescents. *North American Journal of Psychology*, 17(2), 245-250. Retrieved from: <https://www.researchgate.net>
- Roe, S. (2016). “Family Support Would Have Been Like Amazing.” *The Family Journal*, 25(1), 55–62. doi:10.1177/1066480716679651
- Russell, S. T., Pollitt, A. M., Li, G., & Grossman, A. H. (2018). Chosen name use is linked to reduced depressive symptoms, suicidal ideation, and suicidal behavior among transgender youth. *Journal of Adolescent Health*, 63(4), 503-505. doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.02.003
- Ryan, C., Huebner, D., Diaz, R. M., & Sanchez, J. (2009). Family rejection as a predictor of negative health outcomes in white and Latino lesbian, gay, and bisexual young adults. *Pediatrics*, 123(1), 346-352. doi: 10.1542/peds.2007-3524
- Ryan, C., Russell, S. T., Huebner, D., Diaz, R., & Sanchez, J. (2010). Family acceptance in adolescence and the health of LGBT young adults. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 23(4), 205-213. doi: 10.1111/j.1744-6171.2010.00246.x
- Sanchez, F.L. (2009) Homossexualidade e família: novas estruturas. Porto Alegre: Artmed.
- Schulman, S. (2010). Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 4(05). Retrieved from: <https://periodicos.ufrn.br>
- Shepherd, F. (2019). Parental Acceptance of LGBTQ Individuals: Influences on Psychological Well-Being and Substance Abuse. *2019 NCUR*. Retrieved from: <https://www.researchgate.net>
- Solomon, A. (2016). Filho. In: Solomon, A. *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade*. (Chap. 1, 11-64) São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- Sousa, L. H. (2019). Cidadania e documentos de identificação: Possibilidade para se pensar o gênero. *Agenda Política*, 7(3), 92-113. doi: 10.31990/10.31990

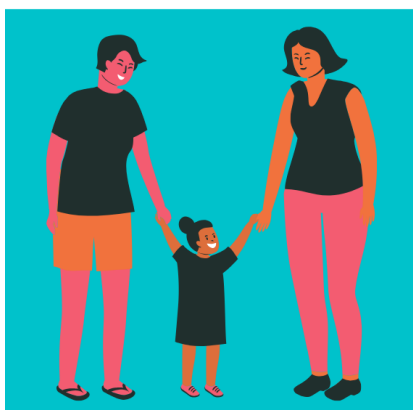
## **ANEXOS**



## ANEXO A - Convite de pesquisa

# PAIS DE PESSOAS LGBT

Convite para pesquisa

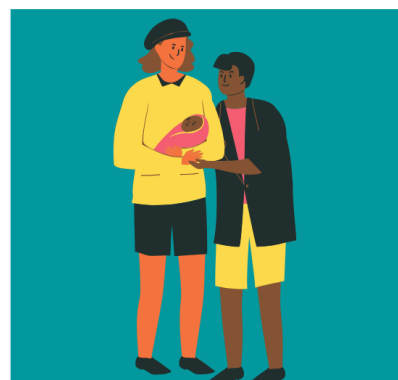


Entrevista on-line com data e horário combinado, sobre as relações familiares de pais de pessoas LGBTs e a aceitação parental. A participação é voluntária.

Para participar é preciso:

- Ter mais de 18 anos
- Ser pai ou responsável de pelo menos uma pessoa LGBT

**Interessados responder o formulário abaixo ou entrar em contato inbox.**



## **Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
(Resolução 466/2012 do CNS)

### **FAMÍLIAS DE PESSOAS LGBTs**

**Número do CAAE: (inserir após aprovação pelo CEP)**

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e pode ser impresso, como comprovante por meio desse link:

(Inserir link)

Você está sendo convidada(o) para participar da pesquisa “*Aceitação Parental de Pais Heterossexuais com Filhos LGBTs*”. O objetivo deste estudo é compreender o processo de aceitação parental e as relações familiares de pais e cuidadores de pessoas LGBTs. Este trabalho poderá contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas na área de aceitação parental e relações familiares de jovens LGBTs

Sua participação é voluntária, a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Federal de São Carlos. Você não terá nenhum custo ou compensação financeira ao participar do estudo.

A pesquisa será realizada por meio de contato eletrônico on-line com data e hora a ser definida de acordo com sua disponibilidade. Nesse momento será realizada uma entrevista por meio de vídeo chamada pelo Skype ou Google Meets, acerca de suas relações familiares e seu relacionamento com seu(a) filho(a) LGBT. Estima-se que a realização da entrevista seja de até uma hora. Havendo interesse e disponibilidade, também poderá ser realizado um grupo de WhatsApp com a participação de outros pais ou cuidadores para a discussão de assuntos relativos à entrevista.

A sua participação nesse estudo não oferece risco imediato à você, porém devido ao tema abordado algumas perguntas podem remeter a algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis ou levar a um leve cansaço. Caso algumas dessas possibilidades ocorram, você poderá optar pela suspensão imediata da entrevista. Se você experimentar qualquer desconforto de maior dimensão, poderá entrar em contato com os pesquisadores por meio do contato disponibilizado, para que possa ser encaminhada(o) ao serviço específico da comunidade mais adequado. Entretanto, você também terá a oportunidade de falar sobre suas experiências num ambiente protegido e sigiloso e poderá contribuir para o avanço científico da área.

Todos os dados coletados serão tratados de maneira e confidencial de forma a assegurar a sua privacidade, em nenhum momento será divulgado seu nome em qualquer fase do estudo. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com os pesquisadores responsáveis. Você receberá uma via deste termo em pdf, assinada pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br**

**Endereço para contato:**

Pesquisador Responsável: Moisés Carvalho Costa/Sabrina Mazo D’Affonseca  
Endereço: Laprev – Laboratório de Análise e Prevenção da Violência; Departamento de Psicologia, UFSCar Rodovia Washington Luís km 235.  
Contato telefônico: (16) 98816-9607 / (16) 3351-8745  
e-mail: moisescrvlh@gmail.com; samazo@hotmail.com

Ao clicar no botão abaixo, você concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

Li e concordo em participar da pesquisa

## **Anexo C - Entrevista Semi-estruturada**

### **Revelação**

Como foi o processo de revelação da orientação sexual ou identidade de gênero de seu filho(a)? (Qual foi a reação, quais os sentimentos e porque acha que contou)

Como os outros membros da família reagiram?

Você conversou com outras pessoas sobre o ocorrido? (Da família ou não, como reagiram)

Antes da revelação em algum outro momento você já havia conversado sobre a sexualidade de seu filho(a) antes? (Qual foi a reação e quais os sentimentos)

Você acha que em algum outro momento antes da revelação ele já havia tentado contar antes ou falava sobre isso? (Qual foi a reação e quais os sentimentos)

Como era a sua relação com seu filho(a) antes dele ter revelado sua orientação sexual ou identidade de gênero?

Como foi a relação com seu filho(a) nos próximos dias após a revelação?

E como você se sentiu nesse período? (Pensamentos e sentimentos)

Vocês tiveram mais conversas? (Quais assuntos, acordos de visibilidade)

Você já tentou explicar o porquê da orientação sexual ou identidade de gênero de seu filho(a)?

### **Rede de apoio**

Você já procurou orientação pra você ou para o seu filho(a) em algum tipo de serviço? (Saúde, psicologia, CRAS ou serviço religioso? Como foi essa experiência?)

Você conhece outras pessoas que sejam LGBT? (Como é a sua relação com essas pessoas?)

Você tem conhecimento sobre outras pessoas na sua família que são LGBTs? (Como é a sua relação com essas pessoas?)

Você conhece outros pais ou mães que também tenham filho(a)s LGBT? (Como é a sua relação com essas pessoas?)

### **Visibilidade**

Outras pessoas da família sabem sobre a orientação sexual ou identidade de gênero de seu filho(a)?

Outras pessoas que fazem parte do convívio familiar sabem?

Você conta para as outras pessoas que tem um filho(a) LGBT? (Você já pediu para que seu filho(a) não contasse as outras pessoas que ele é LGBT?)

Você já pediu que ele(a) se vestisse de forma diferente ou que não usasse um determinado corte de cabelo para que outras pessoas não pensassem que ele é LGBT?

Vocês já conversaram sobre o que era aceitável ou não? (Já entraram em conflito por causa disso?)

O seu filho(a) frequenta festas, bares ou outros eventos LGBTs? (Como você reage a isso?)

Você tem medo de que seu filho(a) sofra algum tipo de violência por ser LGBT? (O que você faz sobre isso, como vocês lidam com essa situação?)

Como você reage ao se deparar com uma situação em que alguém faz algum tipo de comentário ou piada sobre pessoas LGBTs?

## **Conhecimento**

O que você conhece sobre a população LGBT?

Você já participou ou participa de algum tipo de evento LGBT ou frequenta ambientes como bares LGBTs?

Você já assistiu filmes, ouviu músicas ou leu livros de ou sobre pessoas LGBTs?

Você já participou de algum grupo de apoio para pais ou pessoas LGBTs?

Você acha que isso mudou de alguma forma como você se relaciona com seu filho(a)?

## **Amizades e relacionamentos**

Você já conheceu amigos de seu filho(a) que também eram LGBTs?

Essas pessoas eram convidadas a estar em sua casa?

Você sabe se o seu filho(a) já teve algum relacionamento? (Vocês conversaram sobre esse relacionamento?)

Em algum momento o namorado/parceiro de seu filho(a) foi apresentado a você ou a família?

Esse namorado foi recebido em casa, eles ficavam em casa juntos?

### **Infância, escola e religião**

Você é uma pessoa religiosa, possui alguma crença ou religião?

De alguma forma você acha que a religião pode ter influenciado a sua reação à revelação de seu filho(a)?

Seu filho(a) também frequentava a religião?

Atualmente seu filho(a) é religioso?

Em algum momento durante a infância ou adolescência seu filho(a) conversou com você sobre a escola e se sofria bullying na escola por conta de sua orientação sexual? (Como foi a sua reação nesse momento?)

Em algum momento desde seu filho(a) revelou sua orientação sexual vocês já entraram em conflito, tiveram alguma briga ou alguém se exaltou em algum momento?

### **Aceitação agora**

Como você se relaciona com seu filho(a), sobre o que vocês conversam?

Você já conversou com o seu filho(a) sobre a orientação sexual ou identidade de gênero dele?

Essas conversas partem de você ou é o seu filho(a) quem te procura para conversar sobre isso?

Vocês já chegaram a estabelecer limites sobre o que poderia ou não ser dito nessas conversas?

Você acha que existe diferença entre como você se relaciona com o seu filho(a) e como ele se relaciona com outros membros da família?

Você acha que mudou algo desde que ele comunicou sua orientação sexual ou identidade de gênero?

Como tem sido pra você passar por todo esse processo?

E como você gostaria que fosse ou que tivesse sido?

Quais são as suas expectativas para o futuro com relação ao seu filho(a)?

## **Finalização**

Tem algo a mais que você gostaria de mencionar nessa entrevista ou que você acredita que se relacione ao tema [aceitação parental] e que seja importante/relevante e não foi abordado?

## ANEXO D - Tabela de dados sociodemográficos dos interessados na pesquisa

Identificação:	Sexo:	Idade:	Estado	Estado civil:	Escolaridade:	Autodeclaração de cor ou raça:	Número de pessoas residentes na mesma casa:	Renda familiar total:	Idade do(a) filho(a):	Escolaridade do(a) filho(a):	Orientação sexual ou identidade de gênero do(a) filho(a):
Amanda	Feminino	57	São Paulo (SP)	Separada(o) ou divorciada(o)	Superior completo	Branca	1	De 2 a 4 salários mínimos (até R\$ 3.816,00)	25	Superior completo	Mulher Bissexual
P2	Feminino	52	São Paulo (SP)	Casada(o) atualmente	Superior completo	Branca	4	De 6 a 8 salários mínimos (até R\$ 7.632,00)	17	Ensino médio incompleto	Homem Trans
P3	Feminino	42	São Paulo (SP)	Solteira(o)	Superior completo	Branca	3	De 8 a 10 salários mínimos (até R\$ 9.554,00)	26	Superior completo	Gay
Bianca	Feminino	39	São Paulo (SP)	Já viveu com companheira(o) e não vive mais	Superior completo	Branca	2	De 4 a 6 salários mínimos (até R\$ 5.724,00)	12	Ensino fundamental incompleto	Homem Trans
Camila	Feminino	47	São Paulo (SP)	Casada(o) atualmente	Superior completo	Branca	4	De 2 a 4 salários mínimos (até R\$ 3.816,00)	9	Ensino fundamental incompleto	Mulher Trans ou Travesti
Débora	Feminino	40	São Paulo (SP)	Já viveu com companheira(o) e não vive mais	Ensino médio completo	Amarela	3	De 2 a 4 salários mínimos (até R\$ 3.816,00)	16	Ensino médio incompleto	Homem Trans
Eliana	Feminino	49	São Paulo (SP)	Casada(o) atualmente	Superior completo	Preta	4	Acima de 10 (acima de R\$ 9.554,00)	25	Superior incompleto	Gay
P8	Feminino	39	São Paulo (SP)	Vive com companheira(o) atualmente	Superior completo	Branca	4	De 8 a 10 salários mínimos (até R\$ 9.554,00)	20	Superior incompleto	Mulher Bissexual
P9	Feminino	48	São Paulo (SP)	Casada(o) atualmente	Ensino médio completo	Branca	3	Até 2 salários mínimos (até R\$ 1.908,00)	23	Ensino médio completo	Lésbica
P10	Feminino	54	São Paulo (SP)	Casada(o) atualmente	Superior completo	Branca	4	Acima de 10 (acima de R\$ 9.554,00)	20	Superior incompleto	Mulher Trans ou Travesti
P11	Feminino	43	São Paulo (SP)	Casada(o) atualmente	Superior incompleto	Branca	4	De 6 a 8 salários mínimos (até R\$ 7.632,00)	12	Ensino fundamental incompleto	Mulher Trans ou Travesti
P12	Feminino	46	Santa Catarina (SC)	Vive com companheira(o) atualmente	Ensino fundamental completo	Branca	2	Até 2 salários mínimos (até R\$ 1.908,00)	28	Superior completo	Gay
P13	Feminino	51	São Paulo (SP)	Separada(o) ou divorciada(o)	Ensino médio completo	Branca	3	De 2 a 4 salários mínimos (até R\$ 3.816,00)	17	Ensino médio completo	Homem Trans
P14	Feminino	54	São Paulo (SP)	Separada(o) ou divorciada(o)	Ensino médio completo	Preta	2	De 2 a 4 salários mínimos (até R\$ 3.816,00)	26	Superior completo	Homem Bissexual
P15	Feminino	62	São Paulo (SP)	Viúva(o)	Superior completo	Parda	2	De 2 a 4 salários mínimos (até R\$ 3.816,00)	30	Superior completo	Gay
P16	Masculino	43	São Paulo (SP)	Casada(o) atualmente	Superior completo	Parda	4	De 2 a 4 salários mínimos (até R\$ 3.816,00)	16	Ensino médio incompleto	Homem Trans
P17	Feminino	52	Santa Catarina (SC)	Casada(o) atualmente	Superior completo	Parda	1	De 4 a 6 salários mínimos (até R\$ 5.724,00)	26	Ensino médio completo	Lésbica
P18	Masculino	48	São Paulo (SP)	Casada(o) atualmente	Superior incompleto	Branca	4	De 2 a 4 salários mínimos (até R\$ 3.816,00)	17	Ensino médio incompleto	Homem Trans
P19	Feminino	38	São Paulo (SP)	Casada(o) atualmente	Superior completo	Branca	4	De 6 a 8 salários mínimos (até R\$ 7.632,00)	15	Ensino médio incompleto	Mulher Trans ou Travesti